

**Publicação dos sábados**  
Sob os auspícios da Liga  
Anticlerical do Rio

**ASSINATURAS:**  
ANO ..... 10\$000  
SEMESTRE ..... 6\$000  
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior  
há a diferença do porte do Correio.

# Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

**DIRECTOR:**  
**EDGARD LEUENROTH**

Redacção e administração  
**Largo da Sé n. 5 (Sobrado)**

**CAIXA POSTAL, 195**

Endereço telegráfico: LANTERNA

Toda correspondência ao director

## JESUS CRISTO

Quando penso na semana santa, estas palavras evocam no meu espírito uma visão remexida de *toilettes* pretas, nostálgicas dos gavetões, tristes, dando-se ares garbados, ondulando festivamente pelas ruas, redemoinhando no ar das igrejas, misturando-se ao cheiro do incenso e do rosmarinho, e mal deixando ver, ao fundo, os tronos de pequenas chamas de um amarelo pálido lutando com a vasta obscuridade.

Formando moldura a este rebolico, templos pagãos, de um paganismo primitivo, altares erigidos ao Estomago, salchicharias e confeitarias engalanadas, adornadas de buxo, enfeitadas de papel azul, cor de rosa e verde, arregalando os olhos dos fiéis e estimulando-lhes as glândulas salivares. E por cima de tudo isto, esbarrando da imprensa de todas as cores, uma retórica velhíssima, estafada e mole, babando a Paixão do Cristo num beijo isariotico, num fingido esquecimento de todos os odios. No fundo, todos, como diz o povo, puxando a brasa à sua sardinha, cada um, supetivamente, procurando convencer-nos de que o Cristo estava filiado no seu partido.

Pobre rabi Jeschua! Não te bastou andares de Hanan para Caifás, de Caifás para Pilatos: tinhas, ainda depois de morto, de servir de péla nas mãos dos diversos bandos que se deglamiavam e te arremessavam uns aos outros, como armas de combate. São todos: católicos, protestantes, anticlericais, republicanos, socialistas, comunistas, anarquistas. E nenhum tem a coragem de pôr ponto no jogo irreverente, para ir recolocar o magro rabi nas catacumbas da História, lá onde só penetram os que tem o respeito e o culto do passado, os que amam entrar em comunhão com a alma das épocas defunctas, e vão, cheios de simpatia, interrogar os grandes mortos, a ver se conseguem ouvir da sua boca — que foi que eles quiseram na sua passagem pela vida: — pois que a gritaria dos discípulos infelizes, dos fanáticos que os rodearam e dos hipocritas que se serviram do seu nome não deixou que a posteridade pudesse ouvir a propria voz dos Mestres.

E se alguém de fora se intromette, são os que mais amigos se dizem de Jesus que mais ferozes se mostram contra o desmarcha-prézeres. Foi o que succedeu com Renan.

No meio de tudo isto, o que me espanta — ou antes não me espanta — é que os que se dizem espiritos fortes não se tenham lembrado de perguntar a si mesmos se o Cristo de que eles falam é alguma coisa de real. Porque poderia dar-se o caso, nada mais facil, que o verdadeiro Jesus fosse apenas um nome, ou fosse apenas um mito, e que a ideia que eles formam...

Sabe-se que duvidas se tem acumulado sobre a autenticidade dos Evangelhos canonicos, mesmo depois dos livros de Strauss e de Renan, para não falar senão dos mais conhecidos. A mais moderna critica religiosa censura a Strauss o ter seguido, de accordo com a escola de Cristiano Baur, com Hilgenfeld, Keim e outros, a chamada «hipótese de Griesbach», segundo a qual o Evangelho de Mateus seria mais antigo do que o de Marcos. Renan, que não caiu neste erro, cometeu, porém, a inadvertecia de considerar este ultimo Evangelho como obra imediata do companheiro de Pedro.

Apoiando-se na primeira epistola de Pedro, — que todavia sabia não ser autentica e datar, pelo menos, do anno 130 — confundiu este Evangelho com um escrito de Marcos mencionado por Papias, bispo de Hierapolis, que atesta não ter Marcos «ouvido, nem seguido o Senhor, sendo, contudo, possivel que tivesse assistido ao drama da Paixão. O mesmo Papias refere-se tambem a uma collecção de sentenças (*logia*) do Senhor, redigida em lingua hebraica por Mateus. Mas, se esta collecção parece ser anterior á narrativa de Marcos, o mesmo não acontece ao «Evangelho segundo Mateus» em relação ao «Evangelho segundo Marcos», obras que não são nem de Mateus nem de Marcos, mas redacções posteriores repousando só em parte sobre os escritos primitivos.

O evangelho de Mateus, escrito por um judeu-cristão para judeus-cristãos da Siria que não sabiam senão o grego, é um produto da *haggada* judaica, em que as profecias messianicas de Velho Testamento apparecem realizadas nas palavras e nas accões de Jesus. Renan e Strauss fizeram ver bem o processo da exegese, por vezes ingenho, pelo qual elas foram attribuidas a Jesus: desde que tinha ficado assente que Jesus era o Messias, ele não podia ter deixado de fazer, para se cumprirem as profecias, um certo numero de coisas de que falamos os Evangelhos.

O evangelho de Lucas é obra já de uma época de reflexão. O seu autor é, provavelmente, da segunda geração cristã. Não é judeu, o seu nome mesmo (contracção de *Lucanus*) é romano. E Renan faz ver bem o profundo respeito que ha em Lucas por tudo quanto é romano. É um espirito doador de sentimentos literarios e escrevendo para um publico já estranho ás lutas de Pedro e de Paulo, aos odios dos *ebionim* da Siria e dos cristãos helenicos. O seu evangelho é o evangelho do perdão. Da *Thora* (a Lei) já não fala: samaritanos, publicanos, pecadores, ladrões, pagãos de boa vontade, todos são salvos pela fé. Lucas devia conhecer o texto primitivo de Marcos e a collecção das *logia* de Mateus. As lendas da infancia de Jesus e as genealogias, de que não ha vestigio em Marcos, não tem quasi nada de comum em Lucas e em Mateus. Julga-se que uma parte do evangelho de Lucas deriva de evangelhos desconhecidos — que abundavam e das tradições orais.

Quanto ao evangelho de João, a critica considera-o absolutamente destruido de caracter historico. É um produto do influxo das doutrinas neo-platonicas no cristianismo nascente. Renan, que reconhece que ele não é do apostolo João, parece, contudo, crer que ele reproduz, por tradição, algumas das narrativas que aquele apostolo costumava fazer da vida do Senhor. Esta opinião acha-se ligada á estada de João em Efezo, que Renan aceita, mas de que nenhum personagem da Igreja da Asia, quer contemporaneo, quer do segundo seculo, diz uma unica palavra. É sobretudo para notar o silencio do bispo de Hierapolis, tão cuidadoso em recolher as tradições apostolicas da Igreja de Efezo.

A confusão feita por Policrates e Ireneu, do João, mestre de Policarpo, com o apostolo João, parece provir da existencia, na Asia Menor, de um outro João que Papias conheceu, e que não é senão o presbítero João que passou aos olhos da segunda geração cristã por um discípulo do Senhor, e que acabou por passar á categoria de apostolo. Parece, pois, que o João de que nos fala Ireneu é identico não só ao que Papias nos retrata quasi como os

## O que aconteceria...



... se o Cristo existisse e se desse á pachorra de ir visitar o Vaticano...

mesmos traços, mas tambem ao autor do *Apocalypse*.

Mas, pondo mesmo de parte o Evangelho joanico e não nos servindo senão dos sinopticos, as contradicções são, ainda assim, inumeras, não só quanto á doutrina, mas tambem quanto á pessoa de Jesus. As primeiras não admiram: ellas podem ser devidas á refração da doutrina do Mestre devia sofrer em espiritos de feito activo intelectual diverso, o que não nos torna senão mais difficil destrinçar a verdadeira doutrina de Jesus.

As contradicções nos factos referentes á pessoa de Jesus são mais graves. E nós encontramos, aqui, como no caso do Buda, em presença de duas escolas: uma que procura reconstituir a personalidade do reformador, outra que faz, sobretudo, ressaltar a parte da lenda: uma, com o racionalismo protestante, pondo na origem uma doutrina moral, outra um transbordamento de fé ingenua e de mitologia popular.

Compare-se o Cristo de Renan com o de Strauss, o Buda de Oldenberg com o de Burnouf, ou melhor ainda, com o de Senart. Estes dois pontos de vista são talvez unilaterais e, sem fazer ecletismo, é licito pensar que não se podem legitimamente pôr de parte os mitos e crenças populares que formam o solo sobre que

### Acusação á cruz

Ha muito, ó lenho triste e consagrado! Desfeita podridão, velho madeiro, Que lutas contra o mundo inteiro, Como uma penção de luta levantado.

Se o que foi nos teus braços cravejado Foi realmente a História, o Verdadeiro, Ele está mais ferido que um guerreiro. Para livrar das flexas do Pecado.

Ha muito já que espalhas a tristeza, Que lutas contra a alegre Natureza, E vences, ó Cruz triste! Cruz escura!

Chega-te o inverno, simbolo tremendo! Queremos Vida e Acção — Fica-te sendo Um emblema de morte e sepultura!

Gomes Leal.

nasceram, respectivamente, o budismo e o cristianismo, mas que revoluções tão profundas não se fazem sem uma personalidade de fisionomia fortemente acentuada. Resta destrinçar qual parte que provém da recordação historica, qual a que pertence á crença lendaria. Talvez que nunca se chegue a isso...

Em todo o caso, eu, que não sou filólogo, que mal sei o grego e que nem sequer arranho o hebraico, o que vejo de tudo isto, como conclusão ultima da critica, é que da pessoa de Jesus, como a respeito do Buda, não se sabe coisa alguma. No fundo escuro das origens do cristianismo nada mais se enxerga que a visão sinistra de um crucificado: apenas, a distancia, um grupo de mulheres que da Galiléia tinham seguido Jesus a Jerusalem, entre ellas destacando-se o vulto scismador de Maria de Magdala. Por cima do pallido claror de um mistico luar. E em torno da sua fronte a aureola de uma lenda. Para as almas ansiosas de infinito, para os corações sequiosos de amor azul, é bastante, — nem tanto era necessario. Para base de uma organização social, na época de hoje, é pouco.

Falaremos outro dia do cristianismo historico e do valor das suas pretenções a reger de novo os espiritos e as sociedades. Por agora direi apenas que o Jesus de Renan é assás belo, e mal andaram os crentes que injuriaram o autor, pois tão cedo não encontrarão outro Cristo que seja tão humano, tão verosimil e tão amavel.

Mais bela ainda a sua doutrina, na sua essencia depurada pela critica racionalista. Extrair da *Thora* uma lei superior é *Thora*, uma lei toda espiritual, atingindo os actos na sua origem inferior, lei que se resume no preceito evangelico de tender á perfeição do pai celeste, — tal parece ter sido a obra de Jesus. Daí o espirito oposto á letra, a pureza moral á pureza natural.

Deus concebido como pai. Esta ideia não era nova; encontra-se já entre os Egipcios: O meu Pai Amon, eu te invoco! exclama Ramés II na batalha de Kadesh. Encontra-se tambem nos hindus, nos gregos e nos latinos, como o atestam os nomes identicos que eles davam ao deus do céu: *Dyaush pitar*, *Zeus pater*, *Jupiter*. Mas, entre os semitas, ela se tinha conservado em segundo plano. Jesus fez-a sua, pela importancia que lhe deu, tomando-a para centro da sua concepção de Deus. O Deus justo e santo do Velho Testamento estendeu-se aos pecadores e tornou-se o Deus de misericordia.

O reino dos céus tornado o reino dos espiritos, a liberdade das almas, o reino do bem e da justiça. A alma, entrando em comunhão pessoal com Deus e a comunhão dos fiéis fazendo-se pela união em Deus. Um culto puro, sem data, sem patria; uma religião sem padres, sem templos, sem praticas exteriores, repousando inteiramente sobre os sentimentos do coração, sobre a relação imedia-

ta com o Pai celeste: eis o que é belo!

Diz-se que Renan, representando Jesus como um puro idealista e uma especie de anarquista transcendente, procurou tambem chama-lo para o seu gremio. De modo algum. A ironia de Renan é demasiadamente subtil para que nós nos atenhamos ao que as suas frases parecem querer dizer, e a sua intelligencia demasiadamente fina para que ele não soubesse que o seu Jesus é apenas o Jesus tal qual a sua alma idealista de brevíssimo tempo compraz em imaginar que ele foi. O Cristo de Renan é um Cristo neo-hegeliano que meditou a critica de Kant, leu Hegel e Comte, conhece Ficht e Schleiermacher e toda a exegese moderna. E o seu cristianismo é um cristianismo racionalista, um cristianismo ideal.

E eu creio que pode bem amar o Cristo de Renan mesmo quem não é cristão. Que nós ignoremos se ele reproduz ou não o Cristo historico, pouco importa: ele não deixa, por isso, de ser o simbolo das aspirações de um certo numero de almas de todos os tempos. Almas inquietas, almas doentes? Que importa se o seu sofrimento é real? Ha mister sómente não concluir destas necessidades subjectivas a existencia de uma realidade objectiva que lhes corresponda. Depois de Kant, uma tal passagem é inadmissivel.

A Igreja cristã, e mais particularmente a Igreja catolica, acha-se cada vez mais em contradicção com as necessidades subjectivas da civilização contemporanea; mas o cristianismo ideal e subjectivo creio bem que existirá sempre, pelo menos enquanto existirem almas que sejam mais sensiveis do que outras á desharmonia que nós vemos entre o espirito e o mundo, entre o facto e o ideal, entre o real e o ideal.

Jesus baixou-se a fazer milagres? Tinha de fazê-los. Penetremos nessa fornalha de paixões politicas e religiosas que era a Judéa de então: era aquella a marca pela qual se conhecia um *rabi*. Calcou aos pés a familia, a patria, o amor, para não ver senão a sua ideia fixa? Disse ele: «o que ama

### Liga Anticlerical

do Rio de Janeiro

séde, rua Marechal Floriano  
Peixoto n. 118

Quinta-feira, sexta-feira e sabado haverá, ás 9 horas da noite, conferencias de propaganda do livro pensamento.

Pede-se aos srs. associados comparecerem com suas familias.

A entrada nesses dias é franca para as pessoas que das mesmas queiram assistir.

A Directoria.

### CAUTÉRIOS

XCI

### NA SEMANA SANTA

É a ti que me dirijo, humilde proletoário,  
Mártir das opressões sociais, que és hoje em dia  
O indolente Judeu que o clero e a burguesia  
Arrastam, sob a cruz da miséria, ao Calvário:

Ergue a fronte e abandona esse ar de cobardia,  
A servil submissão desse Cristo lendário;  
Torna-te um revoltado, um ladrão, um incendiário,  
Mas repele de ti a cruz que te angustia!

Se não ouves a Ideia, a Lógica, a Consciência,  
Escuta então a voz do teu ventre esfomeado,  
A qual tenta abafar o festim da Opulência!

E reussucitará para um mundo perfeito,  
Sob o forte esplendor dum sol mais bem-fadado,  
Entre hossanas febris do ventre satisfeito!

Beato da Silva.







## A vida de Cristo

A verdadeira história de Jesus fica reduzida a muito poucas palavras. É uma história muito breve e muito simples, em que todo o mundo, desde os judeus contemporâneos de Jesus até aos últimos visionários de nossos dias, tem acrescentado alguma coisa.

Jesus foi um bom judeu que nasceu não se sabe com certeza se em Belém ou em Nazaré. A coincidência de ser filho de uma virgem, isto é, de uma mulher solteira, deu origem a que ele se julgasse um homem superior, já que todos os grandes homens não tem nascido de uma copula regular, mas por uma pura imposição desconhecida que faz uns dois séculos para cá, o profeta, o que há de vir. Os outros homens serão genios, não enviados.

Os heróis, disse Michelet, são os melhores filhos do amor voluntário. Voluntário é livre, sem peias de nenhuma espécie.

A virgindade de Maria é um equívoco fatal para os homens, um terrível calamar hebraico. A palavra virgem *kadhesa* em hebreu, quer dizer também prostituta.

Não há nisto nenhuma irreverência. A prostituição antiga era completamente sagrada, religiosa; não era infamante como hoje. Os deuses nasciam assim, por casualidade, e as mulheres da Síria, da Palestina, de toda a Ásia Menor, procuravam fazer com que qualquer estrangeiro que ali chegasse fosse recebido em seu seio como um enviado divino.

O pai de Jesus, segundo os judeus do seu tempo, foi um tal Pandira, que depois de o procriar desapareceu da cena, como qualquer cristão de nossos dias que abandona a metáfora. Apenas Pandira não o fez como abandono, mas por costume geral do seu tempo.

O filho de Maria foi assim um filho do Homem, o verdadeiro filho do Homem, do Deus da Fome ou da sobra de uma boa digestão.

O rapaz nasceu, segundo as referências mais antigas, 126 anos antes do que a Igreja supõe.

A sua posição social e a sua posição civil pensaram sobre o seu animo, tornando-o melancólico e triste. O estudo serviu-lhe de refúgio e, estudando, soube a história do seu povo. Um grande povo sumido na decadência, um povo envelhecido, dominado e subjugado por estrangeiros.

Os poetas antigos da Judeia — os bardos e os filósofos do país, que previram a sua ruína, os que a viram depois, procuraram remediar a sua pena julgando que aquela situação não podia prolongar-se. Ezequiel, Isaias, Daniel e Jeremias, os principais filósofos e poetas, assim como os infames cantores Oreas, Micheas, Habacuc e outros, recebiam uma resurreição de Israel e a restauração, graças a um regresso que seria por isso o rei dos judeus.

E como viria? — perguntou Jesus a si mesmo. Como nascerá neste povo sem armas, sem valor, sem energias? Jesus lançou-se a pregar e pregou porque não podia manejar uma espada: «Eu sou o enviado; eu sou o rei dos judeus. Um rei que fará moralmente feliz este povo.»

Como não se tratava mais do que de moralidade, deixou-se o homem. A moral foi insuficiente e aquele anarquista passivo puxou da língua, injuriou os sacerdotes e foi apedrejado em Lud, segundo o mais antigo testemunho: o Talmud jerosolimitano.

Jesus não foi mais além e aí termina a sua história. A invenção do cristianismo foi uma lembrança de S. Paulo.

A palavra cristão, completamente latina, é muito posterior a Jesus. O ensino do cristianismo nada tem que ver com o sublime, exposto galileu que, ao morrer, compreendeu a inutilidade da sua obra proferindo aquelas horribíssimas palavras que o denunciavam como «vítima do mais cruel delírio». «Senhor, senhor! Porque me abandonaste?»

A partir de S. Paulo, o primeiro anti-Jesus e verdadeiro

primeiro hereje, o cristianismo aparece como uma nova religião. Os primeiros cristãos anotam pouco a pouco as suas recordações, distribuem-na e sem ordem aparecem os Evangelhos, todos os Evangelhos: os verdadeiros e os falsos.

S. Paulo é o primeiro que supõe Jesus como vítima necessária para salvar os homens do pecado. Coisa que não se encontra em nenhum Evangelho, nem sequer no de S. João, o último dos escritos e escrito com desejo de fundamentar uma grande farça.

As densas ideias do cristianismo nasceram depois à medida que o povo vai assinalando uma contradição, um disparate. O bispo Ario lembrou-se de perguntar como Jesus, sendo filho de Deus, tem a mesma idade que seu pai; e o concílio de Nicéia inventou a Trindade. Pelágio esqueceu a morte de Adão foi um fenómeno natural, porque tudo o quanto nasce morre, e o concílio de Cartago afirma a existência do pecado. Nestório disse: «A Virgem poderá ser mãe de Jesus, mas não a de Deus», e reuniu-se o concílio de Efezo. O mundo cristão não compreende que Jesus, filho de Deus, seja um homem como os outros e outro concílio decide o dogma da Imaculada.

A Igreja tem ido sempre atrás dos herejes. Tem feito como os jogadores trapaceiros quando perdem: «Isso não está permitido; a lei do jogo é esta.» E então, lembra-se de uma lei completamente desconhecida. Por conseguinte, inventou-se, hein!

A história e vida de Jesus tem sido ampliada pouco a pouco. Tem crescido com as interpretações e com as visões dos enfermos.

A vida de Jesus tem recebido assim, desde a sua origem, duas influências: a política ou religiosa, inaugurada por S. Paulo e seguida por S. João e os padres da Igreja; e a das ideias destruidoras do Oriente, que alucinados pela semelhança entre o mito que os cristãos iam criando, lhe acrescentaram por sua parte o melhor das suas recordações da Ásia: o vestuário de outra religião.

Jesus foi para estes últimos o mesmo Sol, o sol que nasce no solstício de inverno, em 24 de dezembro, debaixo do signo de Virgo. Os outros signos são as suas idades, a sua vida, como o foram em outro tempo, os as façanhas de Heracles, ou as de Pio Cid, se Gáve tivesse vivido para escrever a história do único Cristo concebível em nosso tempo.

A Igreja decidiu-se muito tarde pela data de 24 de dezembro, no século II. Antes, o nascimento de Jesus celebrava-se em datas muito diversas. Em 15 de setembro, em fevereiro, em agosto, em junho ou em julho. Prevaleceu a lenda do frio e marcaram-no ao nascer das flores.

Os milagres de Jesus? As aparições? A sua viagem aos infernos? Quem se ocupa disso? Os pobres doídos, os fracos de entendimento; todos os pobres de espírito e enuncos crebráis. São esses os pobres que hipocritamente asseguram, como todas as seitas duvidosas, que «Aqui cabe todo o mundo», que Jesus lhes pertenceu por completo.

Jesus foi democrata, socialista, anarquista tolostoiano, maçom. Jesus foi... Jesus não foi nada disso; foi um bom hebreu que não pensou em nenhuma coisa dessas, porque ainda não existiam. Um homem mais viril do que o afeimado que Renan nos ofereceu e menos bruto do que julgam os inquisidores eclesiásticos.

Alguns coia assim como um Costa da Judeia, mas mais razoável, com mais valor, com exemplo de morte. Porque só expõe-se a morrer se fundam as ideias.

Rafael Urbano.

Dr. Natanias zero de Vasconcelos

Dr. Sobral de Campos

ADVOGADOS

Encarregados de todos os serviços jurídicos de advocacia e procuradoria de portugueses residentes no Brasil.

Toda a correspondência deverá ser dirigida ao dr. Sobral de Campos, para a Rua da Victoria, 54, 1.º — LISBOA.

## A UM CRUCIFIXO

Ha mil anos, bom Cristo, ergueste os magros braços  
E clamaste da cruz: ha Deus! e olhaste, ó crente,  
O horizonte futuro e viste, em tua mente,  
Um alvor ideal banhar esses espaços!

Porque morreste sem eco o eco de teus passos,  
E de tua palavra (ó Verbo!) o som fremente?  
Morreste... ah! dorme em paz! não volvas, que descrente  
Arrojarias de novo á campá os membros lassos...

Agora, como então, na mesma terra erma,  
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,  
Sob o mesmo erro cívico, frio como um sudário...

E agora, como então, viras o mundo exangue,  
E ouvíras perguntar — de que serviu o sangue  
Com que regaste, ó Cristo, as urtigas do Calvário? —

Antônio do Quental.

## O povo contra o regimen da fome

A agitação em S. Paulo vai se estendendo, apesar do alívio da imprensa — O comício monstro do Rio — O povo deve continuar a protestar.

Não é só no Rio que o povo se vê forçado a agir contra a premente situação de miséria resultante da grave crise económica que nos assombra com a denominação da *Carestia da vida*.

Aqui, também, na capital paulista, o povo vai saindo para a praça pública a fim de reclamar das entidades competentes algumas providências no sentido de se tornar a vida menos difícil e libertar as classes proletárias da miséria que lhes assombra os lares e mata os sentimentos humanos com a perspectiva da morte pela inanção e pela fome.

E assim é preciso. S. Paulo, mais do que o Rio, apresenta um quadro desolador, que, contrange, que aterra, provocando justos protestos contra os autores da carestia da vida, que são os fundadores de trusts, os capitalistas, os proprietários de prédios, os acambradores dos generos da primeira necessidade, enfim, os homens do governo que esbanjam o dinheiro do povo sobrearrregando-o ainda de pesados impostos.

A miséria, aqui, não tem limites. É o que se observa tanto na capital, como nas cidades do interior, cansada, vendida, com a sua população de seus fundadores, dos grandes comerciantes, dos grandes exploradores que se acham á frente dos trusts e das grandes companhias industriais.

Dados esses motivos não era possível que o povo paulista permanecesse indiferente diante do perigo e não procurasse conjurar-lo. Foi o que aconteceu, graças á iniciativa da Liga Popular Contra a Carestia da Vida, fundação da qual, de muito tempo, tem em que se realizou uma série de comícios de protesto: um no centro e outros nos arredores da capital.

Foi uma agitação bem orientada, que durou algum tempo, mas, a princípio, sem grande resultado por falta do estímulo, em virtude da imprensa diária da capital que, além de não se interessar pela grave questão, tem procurado hostilizar o movimento.

Agora, porém, com a notícia do que se passa no Rio, os animos se preparam de novo e mais fortemente se agita o povo contra a carestia da vida.

Os comícios do Rio, pelas abundantes notícias da imprensa carioca, aqui têm repercutido de modo animador, instigando-nos para a luta, que já foi reanotada no dia 15 do corrente, com o primeiro comício, que teve realização.

No largo S. Francisco com regular assistência, apesar da chuva que caiu pouco antes do seu início.

Neste tomaram parte o dr. Passos Cunha, que falou em primeiro lugar e depois, Pedro de Oliveira Mesquita, Edgar Leuenroth, Paulo Cruz e Zenon Budaschewski.

O comício principiou ás 8 horas da noite e terminou ás 9 1/2, sendo encerrado pelo dr. Passos Cunha, que convidou o povo a comparecer ao segundo meeting no dia seguinte, que foi realizado no Brax, no belo

Largo da Concordia

O povo, á hora aprassada, compareceu ao local, em massa numerosa, notando-se entusiasmo geral. O primeiro orador que falou foi o operário Zenon Budaschewski, que em breves palavras expoz o fim do comício.

Em seguida coupon a tribuna o sr. Léo Almôid, que fez uma sucinta argumentação sobre a causa

comício é promovido pelo Circulo de Estudos Sociais Conquista do Porvir.

### No Rio

Foi realmente um comício monstro, como o qualifiquem a imprensa, que no domingo passado realizou, no Largo de S. Francisco, a Federação Operária com o apoio de grande numero de sociedades operárias do Rio e de fóra.

Contam-se por muitos milhares as pessoas que lá compareceram para lançar o seu protesto contra o domínio da exploração desenfreada que nos domina.

O povo carioca, numa multidão colossal, com as suas bandeiras vermelhas, com os seus estandartes e cartazes, cantando a *Internacional* e a *Marsellesa do Fogo*, andou pelas principais alturas da grande cidade a bradar contra os exploradores.

No Largo de S. Francisco, em frente ás sedes da Confederação Operária e da Federação Laram os companheiros Cecílio Vilar, Candido Costa, Ulisses Martins, Rosendo dos Santos, Candido Romero, Leal Junior, Joaquim de Matos e Eustaquio Silva.

Pela C. O. B. foram apresentadas duas moções: uma sobre a carestia e outra sobre a lei de expulsão. Ambas foram aprovadas com ruidosas aclamações do povo.

Para dar uma impressão aproximada do que foi o comício, seriam necessárias muitas colunas da *Lanterna*.

Foi uma manifestação formidável, que deve ter deixado uma profunda impressão no espirito publico.

## CONFEITOS BÍBLICOS

### dos maridos desconfiados

Jová tinha a principio, como servos, os primogénitos dos israelitas e eram-lhe consagrados todos os primogénitos dos animais. Moisés — sempre em nome de Deus, é claro — reformou nesse ponto o direito eclesiástico: a casta sacerdotal passava a ser constituída pela sua tribo, a dos levitas, com excepção gado. Não o tinham, aliás, os levitas ágil a reprimir a heresia do begero de oiro?

Os levitas foram isentos de encargos militares e outros tributos e cumulados de privilégios, ganhos e recompensas. O officio sacerdotal foi sempre rendoso. Só eles podiam trocar nas coisas santas: nenhum estorador podia meter o nariz nos mistérios da religião e do culto... et pour cause.

Uma das attribuições do sacerdote era... descobrir o adulterio de qualquer mulher, por meio de um sortilegio ensinado por Deus. (Numeros, V, 11 a 31). O marido desconfiado, mas sem provas, levava-lhe a mulher suspeita, uma offerta e uma oblação. O bonjo fazia certas palhaçadas e escrevia uma maldição contra a mulher, para o caso de esta ter privacidade. Depois apagava a maldição com agua benta adubada com poeira do chão e dava esta nojeira mixórdia a beber á pobre mulher suspeita, avisando-a do que sucederia: apodrecer-lhe-ia a coxa e inchá-lhe-ia o ventre, se fosse culpada... Rara seria a desgraçada que, credula e adúltera, não quizesse evitar a mixórdia e a podridão, confessando...

Éis um processo simples e nobre, digno e asseado, ensinado pelo proprio Deus omnipotente... Os maridos devotos devem ressusciá-lo! Ha só um inconveniente: se o padre for o cumplice da adúltera — não é difícil, — em vez de poeira, diluir na agua açucar refinado, em vez da maldição, encerrará em latim umbo termo declaração de amor. O ventre della inchá-lhe-ia... mas por outros motivos. E haverá um duo de risadas á custa do marido satisfeito...

### O Confeiteiro.

Volta á actividade sindical — Proceguem-se com elle oitavo os trabalhos da supressão desta parte do programa desta capital, iniciados pelo Sindicato Operário de Officinas Varias.

Conforme annunciámos, teve lugar na segunda-feira passada mais uma reunião dessa natureza e já prospera a agitação operária.

Por falta de salão, essa assembleia foi realizada na sede da União Graphica, que ficou espinhada.

Depois de breves exposições por um companheiro e os fins do Sindicato e da organização operária em geral, foi a discussão da vida social e da força com que da arma os trabalhadores na luta que são obrigados a sustentar para fazerem valer os seus direitos, passou-se ao trabalho da formação das comissões das classes, cujo

numero de associados no seio do Sindicato já permitiu a organização dos seus comités nas seguintes classes: Fieiros, pães, constituidos ás comissões das classes dos pedreiros, estuadores e serventes, dos pintores e dos metalurgicos. Essas comissões, que ficaram encarregadas da compilação dos estatutos dos novos sindicatos e da convocação das respectivas classes, marcaram para as reuniões para os seguintes dias:

Fieiros, na quinta-feira; Pedreiros, estuadores e serventes, na sexta-feira;

Metalurgicos, na segunda-feira proxima.

Todas essas comissões reunir-se-ão na rua Richeleu, 43, ás 7 horas da noite.

O numero de adesões ao S. O. de O. Varias tem aumentado animadamente, mostrando-se todos os seus associados bem dispostos para a continuação da obra tão bem começada.

— O S. O. de O. Varias vai organizar, provavelmente para a primeira quinzena de maio, uma grande festa de propaganda.

### EM SANTOS

A festa da Federação Operária — Teve um magnifico resultado a festa realizada no dia 14 pela Federação Operária em benefício das famílias dos trabalhadores que a policia expulsou do paiz para prestar apoio aos exploradores da Docas e da Companhia de Navegação.

O vasto recinto do Coliseu Santista encheu-se inteiramente, notando-se a presença de grande numero de senhores, que, num simpatico movimento de solidariedade, se apresentaram a prestar o seu apoio a uma tão elevada iniciativa.

O *Verbo do Povo*, se bem que não inteiramente vasado nos moldes dos nossos principios e do teatro moderno, foi um simpatico movimento de solidariedade, se apresentaram a prestar o seu apoio a uma tão elevada iniciativa.

Foi também representada a desopilante comedia *Diapa esse farpela*. O nosso compatriota Edgar Leuenroth realizou uma palestra sobre a questão social, demonstrando que aqui, como em toda a parte, está latente na luta entre as duas classes sociais — os trabalhadores que tudo produzem e os capitalistas que agam-barram todas as riquezas da sociedade.

Combatendo á lei de expulsão, demonstrou a inaneidade dessa medida reaccionaria, que toda a propaganda está também interessada os brasileiros, que a continuarem a sustentar com o mesmo ardor dos operários nascidos em outros países.

Foi uma bellissima velada, já pelo seu fim grandioso, como seja o de prestar apoio aos perseguidos dos brutos armados de autoridade, já pela sua ordem perfeita, apesar da intervenção aparatosa da policia.

E, a proposito, não podemos deixar de registar o procedimento ostensivamente carezoso da policia santista.

Não exageramos. E para prova do que afirmamos aqui vão os factos. Na véspera da festa, a comissão organizadora foi chamada á delegacia, onde foi submetida a um rigoroso interrogatorio por parte do fagmigrado sr. Manoel Bueno e do seu escudeiro Rato.

Perguntaram que drama ia ser representado, exigindo a descrição do seu enredo. Indagaram tambem quem ia falar, o assumto de que trataria e não sabemos quantas coisas mais. O ensaio geral compareceu o sr. Rato para, visto, verificar se realmente o drama a ser representado não seria traza a revolução...

Para o Coliseu foram mandados todos os secretas de Santos e numerosos soldados. Por todos os cantos notavam-se as caras lombrosas desses cães repetidos a farfar, a correr, numa grande zafazema, em busca de alguém que lhes satisfizesse a furia canina.

O teatro, que substituiu ao famigerado Bina, tambem lá estava, a andar dague para ali, como a fugir de algum gato...

Logo á sua chegada chamou um dos membros da comissão, perguntando pelo orador. Apresentou-se o nosso companheiro Edgar.

— E' o sr. quem vem falar, o sr. José Romero? perguntou o homem, muito empergido, muito cheio de majestade.

Venho em substituição desse companheiro.

Sobre o que vai falar o sr.? tornou ele, perguntando tendo na mão o programa indicando o tema da conferencia.

Sobre o tema aí indicado, está claro.

— Mas eu não permitirei que nem de leve critique os homens do paiz, nem a mais insignificante, porque então haverá perturbação da ordem.

E lá se foi o nosso Rato, que estava disposto, como se vê, a manter a ordem.

Pouco depois volta o homem, o nosso Rato.

— Hontem á noite ficou deliberada a supressão desta parte do programa, por isso eu suspendo a conferencia.

Ed, porém, não me conformo com isso. Falei porque para isso vim a Santos. Depois, a Constituição... Mas não, ás autoridades, podem estabelecer restricções.

— Entretanto, eu farei a conferencia.

Depois disso não toque nos nossos homens, porque então haverá perturbação da ordem.

E lá se foi o nosso homem (o maior não nos esqueçamos) em busca provavelmente de algum queijo para roer...

Ainda havemos de arranjar um gato para este Rato...



